

NECROMÍDIA: FACES DA VIOLÊNCIA E DIMENSÕES TANATOLÓGICAS DOS PROCESSOS MIDIÁTICOS¹

Fabrcio Lopes da Silveira²

Nisia Martins do Rosrio³

Resumo

O artigo pretende avançar na discuss3o sobre as dimens3es tanatol3gicas inscritas nos processos midiáticos. Tal debate foi iniciado no livro *Televis3o por streaming, necromidia e capitalismo gore: explorando a s3rie Dahmer — Um Canibal Americano*, lançado em agosto de 2023. Circunstancialmente, trata-se de recuperar conceitos e perspectivas do te3rico alem3o Harry Pross sobre viol3ncia simb3lica e viol3ncia na m3dia, dando continuidade, nessa 3rbita, às exploraç3es conceituais que fizemos sobre necromidia, necromidiatizaç3o, *psychopathia medialis* e sobre a capitalizaç3o tecnoinformacional da trag3dia humana, da morte s3rdida, do crime e do horror extremo.

Palavras-chave: Necromidia. Necropolítica. Capitalismo *gore*. Viol3ncia. *Psychopathia medialis*.

Abstract

The article aims to advance the discussion on the thanatological dimensions included in media processes. This debate was initiated in the book *Streaming television, necromedia and gore capitalism: exploring the series Dahmer — An American Cannibal*, launched in August 2023. Circumstantially, it wants to recover concepts and perspectives of the German theorist Harry Pross on symbolic violence and violence in the media, continuing, in this orbit, the conceptual explorations we made about necromedia, necromediatization, *psychopathia medialis* and the techno-informational capitalization of human tragedy, sordid death, crime and extreme horror.

Keywords: Necromedia. Necropolitics. Gore capitalism. Violence. *Psychopathia medialis*.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Coerç3es e Viol3ncias Simb3licas, do VIII CoMcult, Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicaç3o (FAPCOM), S3o Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

² Formado em Comunicaç3o Social – Jornalismo (UFSM). Mestre em Comunicaç3o e Informaç3o (UFRGS) e doutor em Ci3ncias da Comunicaç3o (UNISINOS / RS). P3s-Doutor pela School of Arts and Media (Salford University, UK). Realizou est3gio p3s-doutoral – bolsa PNPd Capes – no Programa de P3s-Graduaç3o em Comunicaç3o da UFRGS. Professor visitante na Universidade Federal de Ouro Preto / MG. E-mail: fabriciosilveira@terra.com.br.

³ Doutora em Comunicaç3o pela Pontifícia Universidade Cat3lica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Mestra em Semi3tica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicaç3o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do N3cleo Corporalidades e do Grupo de Pesquisa em Semi3tica e Culturas da Comunicaç3o (GPESC). Realizou est3gio p3s-doutoral junto à Pontifícia Universidade Cat3lica de S3o Paulo (PUCSP). Email: nisiamartins@gmail.com.

Considerações iniciais

Quando foi lançado, em agosto de 2023, o livro *Televisão por streaming, necromídia e capitalismo gore: explorando a série Dahmer — Um Canibal Americano* (Pilger, Silveira, Rosário *et al.*, 2023) concluía sistematizando uma série de achados sobre as relações entre os corpos e as mídias. Sempre viscerais e complexas, tais relações se distribuíam em múltiplos âmbitos (no âmbito do imaginário, no âmbito da significação, no âmbito das mídias técnicas, no âmbito das formas de narrar e, como não poderia mesmo deixar de ser, no âmbito da representação visual). Fruto de uma experiência de escrita coletiva, além de articular pesquisadores e saberes distintos, além de colocar em confluência perspectivas diversas sobre os estudos da cultura e da mídia (Baitello Júnior, 2010, 2014, 2018, 2019; Andriopoulos, 2014; Lotman, 1990, 1996), o livro se indagava sobre um caso específico, um produto bastante circunscrito, de muita visibilidade e muito impacto midiáticos: a narrativa audiovisual, apresentada no formato de uma série televisiva, de assistência sob demanda, referente à biografia de Jeffrey Dahmer (1960-1994), um dos mais cruéis e sanguinários *serial killers* já produzidos pela sociedade norte-americana.

O estudo de um caso tão dramático, cuja reencenação televisual adquiriu tamanha repercussão pública, como o livro documenta, nos levou a questionar os vínculos intrínsecos entre as mídias contemporâneas, de um lado, e, de outro, as modalidades mais desmedidas e incabíveis de violência que se possa testemunhar (além da violência física, interpessoal, dentre outras, as violências psíquica e/ou simbólica, a violência como *comodity*, a violência como fluxo mercado-tecnoinformacional). Quais razões, afinal de contas, justificam a peculiar e irresistível atração dos meios de comunicação de massa (e não só deles, bem como igualmente das mídias digitais) pelo ato violento mais abjeto? Que tipo de sensibilidade um seriado televisivo sobre um assassino em série mobiliza? Como essa sensibilidade se faz plasmar, semioticamente? Esse interesse é sintomático de quê, mais ao certo? Quais os ecos e as raízes históricas de tais associações (entre as mídias e os instintos predatórios, entre as mídias e as pulsões de morte postas, entre nós, em circulação)? E não seria útil, nesse cenário,

aprofundarmos a reflexão em torno de uma suposta *psychopathia medialis*, para empregarmos uma expressão cunhada por Siegfried Zielinski (2006), num contexto distinto?

O que pretendemos fazer aqui, indo além do marco empírico e analítico exposto no livro do qual partimos, é sumarizar, revisitar e transcender as questões que já cercamos, ampliando e dando assim prosseguimento à investigação especulativa sobre a dimensão tanatológica das práticas midiáticas. Nossa suposição é a de que tempos tão pronunciadamente necropolíticos (Mbembe, 2018), como aqueles em que hoje vivemos, demandam uma compreensão das mídias enquanto dispositivos necromidiáticos, próprios daquilo que Sayak Valência (2010) chamou de “capitalismo *gore*”. Nossa expectativa é poder encontrar na órbita de Harry Pross (1980, 1999) novos elementos teóricos que nos ajudem a consolidar o núcleo *medial* e *culturalista* de um debate que nos obriga a transitar, numa direção, rumo às ciências criminais, numa outra direção possível, rumo às ciências médicas. Acaso a falência das mídias primárias (o corpo adoecido, agredido, despedaçado, o corpo senil, em desamparo, sem maior consciência de si) ressurge inapelável e despidoradamente tratado, como compensação, como prótese ou remediação, como espetáculo mórbido ou paisagem corporal, no âmbito (eletro-eletrônico) das mídias terciárias⁴? Que diálogo se pode estabelecer aqui com Pross? É o debate que nos agradaria então poder suscitar.

Em torno de Harry Pross

Ainda não é possível saber o que será construído nesse novo território em que pretendemos avançar, ao nos colocarmos em diálogo com Harry Pross. Tampouco se pode prever a que dimensões chegaremos. A amplitude do corpo teórico produzido pelo autor é considerável e demanda tempo para que possamos aprofundá-lo e sistematizá-lo. Todavia

⁴ A distinção entre mídias primárias, secundárias e terciárias constitui uma das primeiras contribuições teóricas de maior fôlego feitas por Pross à pesquisa em Comunicação produzida no Brasil (via Baitello Júnior., 2010, 2014, 2018, 2019). Mídias primárias recobrem o domínio do corpo — não há tecnologias envolvidas. Mídias secundárias já demandam, no pólo emissor, uma técnica pré-definida, um instrumento de inscrição, como a imprensa, por exemplo. Mídias terciárias são mídias eletroeletrônicas cujo funcionamento depende, nos pólos emissor e receptor, de dispositivos maquímicos codificadores e decodificadores. São mídias ligadas na tomada, dependentes da luz elétrica.

algumas leituras preliminares já foram realizadas e, ainda de forma muito preambular, levantamos possibilidades (ainda a serem investigadas) de que algumas concepções possam ter a potência de lampejos para dar continuidade à investigação que propomos.

Harry Pross é um pensador da mídia e do corpo, produz reflexões importantes sobre os processos comunicacionais, permitindo sua compreensão nos níveis político e social. Seu entendimento do corpo como “mídia primária” (Baitello Júnior, 2014) — e, dessa forma, como ponto de partida e de chegada da comunicação — dará uma dimensão conceitual ampliada e relevante para estudar o corpo em suas manifestações, suas intensidades e suas configurações no processo comunicacional e imagético. Ele desenvolve a teoria da mídia em *Medienforschung (Investigação da Mídia)*, obra publicada em 1971, na qual propõe uma tipologia de três instâncias para estudar as mídias, ampliando a perspectiva teórica do termo ao trazer à tona aspectos ignorados pelas tradicionais teorias da comunicação.

O autor alemão, que se destaca por estudar aspectos opressivos e alienantes da sociedade advindos de uma “simbologia verticalista”, auxilia a compreender a “violência dos símbolos sociais”, em livro de mesmo nome, que aqui irá nos interessar especialmente (e que iremos discutir logo à frente). Defende, entre outros autores, que, se, por um lado, a socialização é importante para a comunicação, por outro lado, somos imersos na violência simbólica das ordens existentes. Essa abordagem colabora para que se pense o corpo na cultura e na vida social por uma perspectiva crítica, podendo-se considerar ainda alguns pressupostos colocados pelo autor: verticalismo das relações de valor, verticalismo das ciências, modelos culturais binários, organização escolar, segregação, entre outros. Pross propõe, inclusive, três pressupostos para realizar a análise da violência simbólica e que podem ser usados para um exame dos corpos no meio social e na cultura: o ser humano está sujeito a mudança; a instabilidade dos sujeitos vale também para aqueles que exercem violência simbólica; a classificação de violência simbólica tem por base um processo de comunicação que abarca a totalidade de comunicações pretendidas e indicadas. São considerações que auxiliam na compreensão de nosso objeto empírico.

A “experiência pré-predicativa”, fundamento da socialidade, se apresenta como um interessante caminho oferecido por Pross para uma *arqueologia ontogenética* da comunicação, para a compreensão do funcionamento das imagens e a inserção do corpo nessa dimensão. Além disso, é relevante o estudo dos “vínculos”, a “comunicação por proximidade” e a intimidade – por meio de sons, toques, gestos, cheiros, gostos, entre outros. O “vínculo”, afinal, ressignifica o entendimento da comunicação porque as conexões não são mais as costumeiras “trocas de informações”, mas sim atividades entre instâncias vivas. Como afirma Baitello Júnior (2008, p.101), os vínculos “procedem de atmosferas afetivas, (...) espaços de falta (ou espaços negativos), eles geram densidades afetivas oriundas dos espaços de carência ou saciedade”.

Nessa perspectiva, Pross tem a sensibilidade e perceber a comunicação em sua complexidade. Por exemplo, chama a atenção para o papel fundamental da comunicação ao observar que o ser humano vem ao mundo com limitações, já que não tem condições de existir sem o apoio da mãe ou do pai ou de seres que cumpram esse papel. A capacidade comunicacional tem importância vital para a sobrevivência do bebê, por exemplo, uma comunicação que, sem dúvida, passa pelo corpo e pela linguagem não-verbal. O sujeito, portanto, está imerso num mundo de signos, sem os quais não consegue se comunicar. Baitello Júnior (2003) faz uma bela síntese das contribuições Pross: “Seu pensamento nos traz à tona a materialidade complexa da comunicação humana e a necessidade de uma abordagem igualmente complexa e transdisciplinar para que se possa dar conta de entender o fascinante universo dos vínculos e seus sistemas”.

Da mesma forma se pode apreender a complexidade do corpo em Kamper, o qual desenvolve uma reflexão rica para adentrar nessa temática, mas, ao mesmo tempo, constrói um conhecimento relevante sobre a imagem. Quando discorre sobre corpo (Kamper, *on line, sd.*), o autor captura-o em suas variações e seu perecimento:

Por um lado o corpo se cansa, é mortal, precário. Por outro, é determinado como sexo, no duplo sentido de gênero (*gender*) e sexo (*sex*). É produtivo e reprodutivo, (...) age e é dominado, submetendo-se de qualquer maneira ao assunto preliminar de estar destinado a perecer.

O autor leva o debate, portanto, até a imortalidade e à “perda do corpo” pela crise da visibilidade, mas igualmente o aponta como força de vida, conforme pode ser visto em conversa com Baitello Júnior (2015, p. 05), o qual reproduz a fala do pensador alemão:

Não se pode deixar reduzir o corpo a uma condição de passagem, como já o fizeram tantas crenças religiosas, como já o fez o racionalismo que transformou o corpo em mero suporte de um único e superior órgão pensante. Embora ele também atue como mediação, sua natureza não é um mero ‘*médium*’, um (trans)portador de informações e conteúdos, mas um fim em si. A razão de ser maior de existirmos é gerar, cultivar e preservar a vida, em todas as suas manifestações, biológicas, sim, mas também históricas, sociais e culturais, a vida da força da imaginação tanto quanto a explosão da vitalidade e da alegria, dos desejos e dos sonhos. É isto o corpo.

O modo criativo e estimulante pelo qual Kamper comunica seu pensamento instiga a novos olhares sobre o mundo — bem como faz Pross — e, nessa via, encaminha à concepção de que “pensar com o corpo” é um entendimento possante para enfrentarmos o estreitamento de sentidos que atravessa nosso tempo. Por outro lado, a noção de “ocidentalização” parece bastante precisa para entender o papel da imagem e a percepção do ambiente dos aparatos sobrevalorizados. Para o autor, é nesse processo que se perde a referência do mundo, que as imagens e aparatos se tornam essa referência, sendo necessária uma antropologia da imagem que busque uma saída para a formatação imposta pelo mundo ocidental.

Ao criticar a abstração e o pensamento dualista (o qual tende a imperar sobre a cultura e, conseqüentemente, sobre o corpo), Kamper, interpretado por Heilmair e Baitello Júnior (2019, p. 149), entende que “a atual tendência de absolutizar um dos pólos” dessas dualidades leva à indiferença e, nessa via, o autor alemão propõe o “pensamento pela diferença”, como possibilidade de estar “sensível às ambivalências da linguagem e, portanto, ser capaz de permanecer, ao mesmo tempo, nos dois lados do problema”. Esse viés parece importante para auxiliar na complexificação da concepção de corpo, superando a polarização biológico/mental.

No que se refere a Flusser — outro autor que vem nos parecendo útil, na órbita de Pross —, Baitello Júnior alerta para a multiplicidade do pensamento do autor tcheco-brasileiro para além da imagem técnica e das tecnologias (linha pela qual o pensador é muito

conhecido), ainda que traga importantes contribuições nessa área, como a “imagem técnica”, “jogar contra o aparelho”, “caixa preta”, entre outros. Flusser construiu uma rica trajetória no âmbito de várias áreas do saber, marcada pela transdisciplinaridade. Suas reflexões acerca da “intersubjetividade” e da “sacralidade” têm potencial para acrescentar uma camada cultural importante aos tensionamentos entre corpo e imagem.

Ao mesmo tempo, sua reivindicação de uma “ciência da pele” (a ampliação da dermatologia como ciência), que a estude como fronteira, como atlas da cultura, como superfície que permite acontecer no mundo, é muito estimulante para pensar os limites e os modos de estudo sobre o corpo e, ao que parece, se coaduna com suas vivências e percepções de si como um apátrida. A concepção de “apátrida” ajuda a configurar sua “teoria da tradução”, que problematiza as significações e os processos de interpretação em diferentes culturas, mas também estabelece conexões com suas ponderações sobre a negritude e o estranho, encorajando a um ponto de vista da alteridade. Nessa via, as tratativas do autor sobre o dilema antropofágico vêm oferecer um suporte diferenciado para os estudos do corpo, já que “defende que essa diferença implícita na relação com o outro não pode, em seu fim, gerar a objetivação deste outro e nem também sua subjetivação” (Baitello Júnior, 2020, p. 07). O outro constituiria uma projeção de si sobre o diferente e, assim, a “intersubjetividade” seria a alternativa mais complexa, pois busca se desprender do mundo das categorias e valoriza o vínculo. Por outro lado, o pensamento de Flusser sobre código — o qual é mais explorado no âmbito da comunicação — pode auxiliar consideravelmente na reflexão da concepção de linguagens do corpo, bem como da própria imagem.

Na perspectiva de sua transdisciplinaridade, as elaborações de Flusser sobre as ciências arqueológicas, que podem ser percebidas na ‘escavação’ que faz, por exemplo, sobre a gula, em *A História do Diabo*, encaminha à possibilidade de um pensamento metodológico que se disponha a “lidar com as grossas camadas de excrementos, produtos e instrumentos mal digeridos” (Baitello Júnior, 2020, p. 21). A arqueologia volta na crítica feita por Flusser (1972) à sociedade de consumo, denominando-a como “sociedade impotente para o consumo” e, sem dúvida, auxilia a refletir sobre o papel do corpo nesse ambiente e o condicionamento

do feminino. Nessa reflexão, ele afirma que o modelo de cultura estabelece uma relação estreita com o consumo, pois o que predomina é “um processo que devora a natureza (produzindo bens), excreta a natureza (consumindo bens) e que cresce apesar da natureza (poupando). (...) A síntese da cultura é pois a armazenagem crescente de valores e formas” (Flusser, 1979, p. 36).

Um escrito específico de Harry Pross, no entanto, para além desse diálogo em que podemos apreendê-lo com Vilém Flusser e Dietmar Kamper, nos interessa mais determinadamente. É o que segue.

A violência dos símbolos

Em 1981, quando o teórico da comunicação, cientista social e jornalista alemão Harry Pross publicou *Zwänge. Essay Über Symbolische Gewalt* (traduzido para o espanhol, dois anos depois, por Vicente Romano Garcia, como *La Violência de los Símbolos Sociales*), Jeffrey Lionel Dahmer (EUA, 1960-1994) já havia ingressado na carreira criminal. Aos dezoito anos, de forma impulsiva, um tanto quanto mambembe, ele assassinara Steve Hicks, um jovem desconhecido para o qual dera carona, convidando-o, logo em seguida, ao longo do percurso que faziam, para fumar maconha, ir beber e conversar em sua casa. Dahmer golpeou-o na cabeça até a morte, utilizando um instrumento de halterofilismo paralímpico. Ato contínuo, desmembrou o corpo, para que pudesse ocultá-lo, desfazer-se dele. O assassinato foi a culminância de uma tentativa frustrada de relação sexual. Ao mesmo tempo, tornou-se a encenação de um evento mítico (ou “semimítico”, no dizer de Pross), um trauma fundacional, determinante de um padrão mórbido, que seria aprimorado e colocado em prática noutras dezesseis vezes.

Apesar do tempo transcorrido entre a primeira e a segunda morte(s) — Dahmer só voltaria a assassinar novamente, em circunstâncias similares, cerca de nove anos depois —, havia se dado ali um rompimento violento da ordem simbólica. Mais do que um ataque covarde a um corpo indefeso — uma agressão pelas costas —, o gesto de Dahmer é também

um ataque desmedido ao sistema de signos que possibilita o convívio social. Junto dele, parece ruir o código que regula e dá uma determinada consistência à experiência de nossa humanidade.

De que modo, portanto, um acontecimento dessa magnitude pode ser pensado à luz dos ensinamentos de Harry Pross? Em *La Violência de los Símbolos Sociales*, por exemplo, Pross trabalha sob o substrato contextual do nazismo, trazendo-o à memória, sempre que possível, numa estratégia de argumentação através de episódios extremos. Ainda assim, coloca-se (ou parece se colocar) *aquém* do caso de Dahmer. A Pross interessam os processos de socialização — o trânsito e a confecção dos símbolos sociais como garantidores de uma adequação à ordem comunitária. Dahmer, conforme esse enfoque, poderia ser visto como um agente imune à violência intrínseca ao sistema educacional, pouco afeito às regras de rendimento, às expectativas de “seguir carreira”, à “escada celestial” de que Pross nos fala, esclarecendo-nos, na medida em que passeia por essas ideias, sobre a dimensão pré-predicativa dos símbolos (e de toda a racionalidade humana), sua capacidade de projeção, aparição e externalização no mundo social a partir de certos fundamentos ou princípios observados no mundo natural (ordenamentos temporais, princípios de horizontalidade e verticalidade, hierarquias, certas engrenagens da realidade física).

Os símbolos (isto é, a cultura), para ele, cristalizariam (e seriam decantados de) certos atributos da natureza. Colocando-se em consonância com eles — em consonância com tais formas naturais —, os símbolos nos “constrangeriam”, forçando-nos a uma certa compreensão da realidade, da outridade, das relações de classe, dos mecanismos institucionalizados da política, da educação e das relações sociais, de modo geral. Os símbolos, em si mesmos, seriam violentos. Além de serem os únicos instrumentos de que dispomos para nos referir ao mundo, para designá-lo, para traduzi-lo, os símbolos modulam nosso modo de ser. E assim nos fazem transitar da natureza à cultura formal, à ordem regular da sociabilidade. Mas e quanto a Dahmer? Ele é o anteparo dessa violência? É refratário a ela? Resistiu a ela? Ou ele a inverte? Inventa uma outra simbolização, tão própria quanto macabra?

A primeira reflexão que poderíamos fazer diz respeito a isso: o incômodo de enxergar em nosso personagem (e na série dedicada a ele pela Netflix) um ponto de inflexão, uma dobra na ideia forte do poder simbólico, conforme definido por Pross. Dahmer é menos a evidenciação desse poder e mais sua falência, sua insuficiência, sua inoperatividade. Ou ainda: é também uma instância na qual o poder simbólico é desconstruído e reconstruído, fazendo germinar uma simbolização paradoxal, um mundo idiossincrático repleto de perversões e parafilias. É a “escada celestial” invertida. O poder simbólico (o *status quo*, as normas do acolhimento social) se depara(m) com um contrapoder instituinte de uma nova potência do simbólico enquanto vida à parte. E por que é incômodo lidar com isso? Porque não sabemos muito bem como nomeá-lo.

Na continuidade do trabalho seguiremos (re)elaborando tais perspectivas.

Referências

Andriopoulos, Stefan. 2014a. *Possuídos*. Crimes hipnóticos, ficção corporativa e a invenção do cinema. Rio de Janeiro: Contraponto.

_____. 2014b. *Aparições Espectrais*. O idealismo alemão, o romance gótico e a mídia óptica. Rio de Janeiro: Contraponto.

Baitello Júnior, Norval. 2003. Mídia como droga. *Laudatio* a Harry Pross, em seu aniversário de 80 anos. GHREBH — Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia, São Paulo, n. 4, out/2003 Disponível em: https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%2004/03_baitello.pdf. Acessado em 10/11/2021.

_____. 2008. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: Rodrigues, David (org.). *Os Valores e as Atividades Corporais*. São Paulo: Summus Editorial, v. 1, p. 95-112.

_____. 2010. *A Serpente, a Maçã e o Holograma*. Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus.

_____. 2014. *A Era da Iconofagia*. Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus.

_____. 2015. Körperdenken. Em torno do pensamento corpo, de Dietmar Kamper e os rastros como sentidos. Dois depoimentos. V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura. São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/comcult/norval_baitello_junior.pdf. Acessado em: 16/11/2021.

_____. 2018. *A Carta, o Abismo e o Beijo*. Os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático. São Paulo: Paulus.

_____. 2019. *Existências Penduradas. Selfies*, retratos e outros penduricalhos. São Leopoldo: Ed. Unisinos.

_____. 2020. Vilém Flusser, as ciências arqueológicas e a filosofia do lixo. *Cuyo* — Anuario de Filosofia Argentina y Americana, v. 37, p. 17-30.

Debord, Guy. 2012. *A Sociedade do Espetáculo*: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto.

Felinto, Erick; Grusin, Richard. Mediação *gore* e o bromance de Jair Bolsonaro e Donald Trump. In: Fernandes, Cíntia Sanmartin *et al.* (orgs.). 2022. *A(r)tivismos Urbanos*. (Sobre)Vivendo em tempos de urgências. Porto Alegre: Sulina, p. 33-58.

Flusser, Vilém. 1972. A consumidora consumida. Revista *Comentário*. Ano XIII, vol. 13, nº 51, 3º trimestre.

_____. 1979. *Natural:Mente*: vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

Kamper, Dietmar. Sd. Corpo. Disponível em: http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/iv1_futurovis.pdf. Acesso em: 10/11/2021.

Lotman, Iuri. 1996. *La Semiosfera I* – Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Cátedra.

_____. 1990. *Universe of the Mind*. A semiotic theory of culture. Indianapolis: Indiana University Press.

Mbembe, Achille. 2018. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 Edições.

Pilger, Carolina; Silveira, Fabrício; Rosário, Nisia Martins do; *et. al.* 2023. *Televisão por streaming, necromídia e capitalismo gore: explorando a série Dahmer – Um Canibal Americano*. São Paulo: Pimenta Cultural.

Pross, Harry. 1972. *Medienforschung*: Film, Funk, Presse, Fernsehen. Darmstadt, Alemanha: Carl Habel, 1972.

_____. 1980. *Estructura Simbólica del Poder*. Teoría y práctica. Editorial Gustavo Gili: Madrid.

_____. 1981. *La Violência de los Símbolos Sociales*. Editorial Anthropos: Barcelona.

_____. 1999. *Atrapados en la Red Mediática*. Orientación en la diversidad. Hiru Argitaletxea: Bilbao.

_____. 2002. Aceleração e perda. *Ghrebh* — Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. CISC — Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. São Paulo, outubro / 2002, n. 01.

Rüdiger, Francisco. 2022. *Epistemologia da Comunicação no Brasil*: ensaios críticos sobre teoria da ciência. Vitória: MilFontes.

Valência, Sayak. 2010. *Capitalismo Gore*. Barcelona: Melusina.

Zielinski, Siegfried. 2006. *Arqueologia da Mídia*. Em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume.

_____. 2012. Against psychopathia medialis — For normal schizophrenia. *APRJA Journal*, issue 1.2 (2012): “In/Compatible Research.”

_____. 1999. *Audiovisions. Cinema and television as entr’actes in history*. Amsterdam: Amsterdam University Press.